

(L)GBT: “DESEJO PROIBIDO” (2000) E A DENÚNCIA DA INVISIBILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES LÉSBICAS

(L)GBT: “IF THESE WALLS COULD TALK 2” (2000) AND THE DENUNCIATION OF THE INVISIBILIZATION OF LESBIAN RELATIONSHIPS

Washington Batista Leite¹
Maria Luiza Correa da Silva²

Resumo: as relações lésbicas estão constantemente sendo marginalizadas, seja pela sociedade ou até pelas pautas do movimento LGBT. Consequentemente, mulheres lésbicas têm muito mais dificuldade de acessar espaços e conquistar direitos, se estendendo, inclusive, para a representatividade de suas relações nas artes e na indústria. Filmes que se propõem a relatar mulheres lésbicas normalmente são carregados de estereótipos e feitos por e para uma gama de espectadores heterossexuais. Esse trabalho intenta analisar o filme “Desejo proibido”, de 2000, que é um compilado de curtas-metragens sobre relações entre mulheres, e observar como eles captam as dificuldades dessas relações e falam abertamente sobre elas, não só focando nas tragédias que permeiam essas histórias, mas abordando, principalmente, sobre o amor e afeto que sobrevive nelas.

Palavras-chave: LGBT; lésbicas; estereótipos; cinema; Desejo proibido.

Abstract: lesbian relationships are constantly being marginalized, whether by society or even by the agendas of the LGBT movement. Consequently, lesbian women have much more difficulty accessing spaces and gaining rights, including the representation of their relationships in the arts and industry. Films that aim to relate to lesbian women are usually full of stereotypes and made by and for a range of heterosexual viewers. This work aims to analyze the film “If these walls could talk 2”, from 2000, which is a compilation of short films about relationships between women, and observe how they capture the difficulties of these relationships and speak openly about them, not only focusing on the tragedies that permeate these relationships. stories, but mainly addressing the love and affection that survived in them.

Keywords: LGBT; lesbians; stereotypes; movie theater; If these walls could talk 2

1 INTRODUÇÃO

*Na noite, em vigília, cantam as raparigas, cantam a tua amada, de violetas tingida.
Safo*

Mulheres lésbicas constantemente têm suas vivências e relações invisibilizadas tanto dentro da sociedade, como dentro da própria comunidade LGBT. Desde a falta de pautas referentes às questões delas nas agendas de grupos militantes até pouco ou quase nada de representação nas mídias e veículos de entretenimento.

¹ Formado em Letras – Português, espanhol e literaturas em respectivas línguas (UFMS); Pedagogia (Estácio de Sá) e é Mestre em Estudos de Linguagens pelo PPGEL/UFMS. E-mail para contato: tonbatistta@gmail.com.

² Graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestra em Cinema e Artes do Vídeo pelo PPG-Cineav, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Doutoranda em Estudos Literários pela Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista Capes.

Dessa forma, suas histórias acabam sendo limitadas a um nicho específico das próprias no espaço da coletividade. Livros, filmes, séries ou novelas que se propõem a representar mulheres lésbicas e/ou bissexuais acabam tendo menos divulgação, menos orçamento e muito mais dificuldade para se estabelecer. Ainda que, atualmente, a representatividade LGBT no cinema e na literatura tenha crescido consideravelmente, ainda é visível que muitas dessas histórias são feitas por e para homens gays, enquanto as mulheres lésbicas tem o conteúdo com temática extremamente limitada, caindo em estereótipos associados a lésbicas ou as colocando em regras difundidas por relações afetivas heterossexuais.

Filmes que retratem a lesbiandade ou a relação entre mulheres, lésbicas ou bissexuais, em situações não-estereotipadas ainda são escassos, fazendo com que os espectadores(as) que consomem esse tipo de conteúdo, fique refém de lidar com problemáticas comuns nas histórias ou de se reinventar e recriar histórias com personagens já conhecidas que se relacionem por meio de fanfics ou edits.

Um dos filmes que se propôs a retratar a vida de mulheres lésbicas foi “Desejo proibido” (2000), ou “*If these walls could talk 2*”, que é um compilado de três curtas-metragens que retrata mulheres lésbicas em diferentes estágios da vida, mostrando não apenas as dificuldades enfrentadas por elas em cada momento, mas principalmente, o amor nessas relações. Ainda que o filme acabe refletindo alguns dos estereótipos, esse trabalho se propõe a observar como ele quebra com a maioria dos padrões direcionados a lésbicas na indústria cinematográfica, observando e filmando mulheres que se amam, independente dos problemas que elas enfrentam ao longo de suas jornadas.

2 HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E A RELAÇÃO COM O CINEMA

A heterossexualidade é, segundo o dicionário Oxford, a “atração romântica e/ou sexual entre pessoas do sexo ou gênero oposto”, ou seja, a união afetiva-sexual que se dá entre homens e mulheres. Essa orientação sexual é vista, atualmente, como normativa, quase que uma regra dentre as relações que se estabelecem no contexto social, enquanto aqueles que se relacionam de outras formas, são considerados desviantes desse padrão e, por conseguinte, diferentes.

Entretanto, essa condição de naturalidade que se impõe aos relacionamentos heterossexuais não é inata a espécie humana, mas sim construída social e politicamente, com o intuito de manter uma comunicação baseada nos preceitos de um corpo patriarcal, que coloca o símbolo masculino, o que é atrelado aos homens, como benemerente de uma devoção, tanto dos próprios homens como das mulheres.

Adrienne Rich (2010) escreve sobre alguns modos que as instituições sociais se arquitetaram: negando a sexualidade das mulheres ou as forçando a uma sexualidade

masculina, explorando o trabalho delas, principalmente a fim de controlar sua produção, roubando suas crianças, confinando-as fisicamente ou as privando de seus movimentos, usando-as como objeto de transação masculina, restringindo a criatividade e retirando-as de áreas de conhecimento ou de construções culturais. Logo, por meio desses e outros inúmeros modelos, o patriarcado se movimenta a fim de se manter no poder e de estipular suas determinações para que o homem seja colocado como essa figura autoritária, de máximo poder, em detrimento das mulheres, suas conquistas e seus espaços.

Nesse contexto que impõe essa figura masculina como dominante e que resta às mulheres agradá-los, elas passam por um processo que ficou conhecido como “heterossexualidade compulsória”. Tânia Navarro Swain vai abordar sobre o conceito, explicando que:

A heterossexualidade é, da mesma forma, politicamente compulsória, o que significa um intenso processo de convencimento cultural em políticas familiares e educacionais ou a imposição pela coerção de normas de submissão e devoção ao masculino, construindo-o de forma imperiosa como definidor da divisão de trabalho, remuneração e importância social (Swain, 2010, p. 47).

Para além dos organismos públicos, em um contexto que além de patriarcal, também se tornou dogmaticamente capitalista, as mídias, o entretenimento e as formas de consumo também se movimentaram a partir desses moldes do patriarcado para garantir que as mulheres não fossem obrigadas a se moldar a esse sistema, mas que elas crescessem e fossem educadas com a ideia de que queriam se submeter às regras deles.

bell hooks vai esclarecer que, dentro de uma sociedade patriarcal, é necessário que o opressor tenha apoiadores entre a própria classe de oprimidos para que ela obtenha sucesso, logo, os grandes veículos de entretenimento se esforçam continuamente para propagandear uma ideia romantizada de submissão entre as mulheres, que sem visualizar outra alternativa, compram essa definição.

Tal como outras formas de opressão de grupo, o sexismo é perpetuado por estruturas sociais e institucionais; por indivíduos que dominam, exploram ou oprimem; e pelas próprias vítimas, educadas socialmente para agir em cumplicidade com o status quo. A ideologia supremacista masculina encoraja a mulher a não enxergar nenhum valor em si mesma, a acreditar que ela só adquire algum valor por intermédio dos homens (hooks, 2020, p. 79).

Romances clássicos literários, filmes hollywoodianos com enormes orçamentos, histórias em quadrinhos consumidas por uma legião de fãs, vídeos no *tiktok* e fotos *aesthetic*

no *instagram*. Uma extensa parte do que é produzido e consumido dentro da indústria do entretenimento é voltado para o público heterossexual e coloca como um “sonho” a ideia de um casamento, da maternidade, da figura de um homem perfeito ou príncipes e princesas. Esse cenário contribuiu significativamente para que a heterossexualidade compulsória se estabelecesse no imaginário coletivo que circunda a experiência feminina.

Nos últimos anos, com o avanço das questões feministas, uma maior visibilidade da pauta LGBT, além da criação de comunidades de mulheres lésbicas e/ou bissexuais nas redes sociais e a divulgação de materiais feitos por elas, o conceito da heterossexualidade compulsória se tornou mais reconhecido, visualizando sobre como ela recai sobre as mulheres que tentam sair das relações afetivas e/ou sexuais com homens.

É transparente que a heterossexualidade compulsória, de acordo com um viés mais abrangente, que abarca não só as questões sexuais, mas também de comportamento, atinge a grande maioria das mulheres, incluindo as próprias heterossexuais, pensando por um lado de que o conceito não se limita a orientação e pode influenciar nas decisões que as mulheres tomam, que busca agradar aos homens e limitar seus próprios desejos. Entretanto, quando a sexualidade entra em pauta, as mulheres lésbicas são as principais afetadas por esse conluio, por serem constantemente questionadas sobre suas escolhas de não se relacionar amorosamente e/ou sexualmente com o sexo/gênero masculino.

De acordo com entrevistas feitas pelo *site* “QG feminista”, a maioria das mulheres lésbicas assume sua sexualidade mais tardiamente do que os homens gays. Isso se dá, principalmente, pela heterossexualidade compulsória, que atinge de forma desproporcional as mulheres, em comparação com homens homossexuais. Ao levantar essas questões, as autoras analisam que quando um homem se assume gay, é muito menor a quantidade de pessoas que indagam se ele pode “voltar” a praticar a heterossexualidade, ou que ele talvez “não tenha encontrado a mulher certa”, enquanto essas ideias são frequentemente levantadas quando uma mulher resolve assumir a lesbiandade³.

3 FILMES LÉSBICOS E A REPRODUÇÃO DE PARADIGMAS DE LUGARES HETEROSSEXUAIS

Consequentemente, quando esses assuntos são trazidos pela mídia, esses inquéritos também são simbolizados. Ainda que exista, por exemplo, um nicho e um aumento de conteúdo e representatividade que abarque a comunidade LGBT, que se deu, principalmente, nos últimos anos, é evidente que a grande maioria ainda seja mais voltada ao público masculino homossexual, enquanto aqueles que retratam lésbicas caem, sistematicamente, em estereótipos voltados ao público heterossexual. Monique Wittig

³ Disponível em: <https://qgfeminista.org/por-que-mulheres-demoram-mais-para-descobrirem-que-sao-lesbicas/>.

(1980) vai falar sobre isso, dizendo que existe um pensamento hétero que cerca toda a sociedade e que, inclusive, também se recai sobre a indústria do entretenimento no geral.

Posso apenas sublinhar o caráter opressivo de que se reveste o pensamento hétero na sua tendência para imediatamente universalizar a sua produção de conceitos em leis gerais que se reclamam de ser aplicáveis a todas as sociedades, a todas as épocas, a todos os indivíduos. Assim, fala-se de conceitos como a troca de mulheres, a diferença entre os sexos, a ordem simbólica, o Inconsciente, Desejo, jouissance, Cultura, História, dando um significado absoluto a estes conceitos, quando são apenas categorias fundadas sobre a heterossexualidade, ou sobre um pensamento que produz a diferença entre os sexos como um dogma político e filosófico (Wittg, 1980, p. 9).

Se consideramos, por exemplo, a bilheteria dos filmes, os filmes LGBTs que tiveram maior alcance ainda é quase por inteiro de/para homens gays. Em uma lista com os dez filmes com essa temática que mais arrecadaram no cinema, apenas dois são compostos por uma narrativa com mulheres lésbicas⁴.

Além disso, a Netflix, maior streaming atual, se envolveu em uma polêmica recentemente, no qual duas séries LGBTs, Heartstopper e First Kill, que foram lançadas em períodos próximos e que retratavam, respectivamente, um casal gay e um casal lésbico, com protagonistas da mesma faixa etária, apesar de gêneros cinematográficos diferentes, sofreram tratamentos diferentes por parte da empresa. De acordo com os números fornecidos pela própria Netflix, a série com o casal lésbico, First Kill, na primeira semana, teve mais horas assistidas, que é o que conta para a renovação do produto, entretanto, por conta da maior divulgação e visibilidade nas redes sociais, Heartstopper foi renovada para mais três temporadas, enquanto First Kill acabou sendo cancelada⁵.

Portanto, ainda que os números e a mídia mostrem que existiu um aumento na representatividade das relações homoafetivas na indústria do entretenimento. É perceptível que ela ainda é extremamente limitada em seu conteúdo, além de ainda garantir que a maioria desses filmes que conseguem sair de uma bolha de fãs, são voltados, também, exclusivamente para homens.

Além desses problemas, quando um filme com mulheres lésbicas acaba sendo produzido, na maioria das vezes, ele acaba caindo em estereótipos idealizados por uma indústria heterossexual. Muitas vezes, o filme termina com a morte de uma das pessoas do casal ou, vislumbrando a ideia de que a mulher se relaciona com outra mulher pois não conheceu o “homem certo”, o filme acaba com o término das personagens e com uma delas se relacionando com um homem.

⁴ Disponível em: <https://esqrever.com/2019/09/11/os-10-filmes-lgbti-de-maior-sucesso/?amp=1>

⁵ Disponível em: https://about.netflix.com/pt_br/top-10

No sentido de abarcar outros corpos subalternizados, pertencentes a um amplo e heterogêneo cinema de mulheres, teóricas cinematográficas começam progressivamente a denunciar outras ausências, a exemplo dos “olhares lésbicos” e do cinema queer (Marques, 2022, p. 351).

Fica claro que ainda que tenha existido um aumento na produção de conteúdo, incluindo aqueles com representatividade lésbica, ainda existe uma discrepância para aqueles com um casal de homens gays e, é claro, muito maior com casais heterossexuais. A falta de narrativas sobre mulheres lésbicas impacta negativamente sobre as muitas mulheres que se relacionam homoafetivamente e carecem de ver suas realidades também na ficção.

4 DESEJO PROIBIDO: UMA ANÁLISE DAS CAMADAS ENTRE OS CURTAS

O filme intitulado “If these walls could talk 2”, ou na tradução do título em português, “Desejo proibido”, já denota o caráter proibitivo que as relações lésbicas constituem na sociedade. Em tradução literal do título, que seria “se essas paredes pudessem falar”, o filme já coloca essas trocas afetivas e/ou sexuais entre mulheres como algo desaprovado, reprimido, que só pudesse ser feito entre quatro paredes.

O filme é constituído por três curtas-metragens que falam sobre relações lésbicas em diferentes etapas durante a vida e, principalmente, sobre a dificuldade que essas mulheres passaram para conseguir viver e validar o amor romântico que elas sentiam por outras mulheres. O primeiro curta foca na relação de duas mulheres idosas e como uma delas precisou lidar, não só emocionalmente, mas também e sobretudo, burocraticamente, com o falecimento de sua parceira, visto que o relacionamento das duas não pôde ser respaldado pelas leis e regras matrimoniais que são concedidas aos casais heterossexuais. O segundo curta vai abordar sobre jovens lésbicas na faculdade e sobre a dificuldade por parte de algumas delas de lidar com mulheres que renunciam aos estereótipos de gênero, e como que, ainda entre a própria comunidade, existe uma discriminação para aquelas que não performam a feminilidade atribuída e dita “inata” as mulheres. O terceiro curta vai acompanhar um casal lésbico já maduro, com muitos anos de relacionamento, que sonha em ter uma criança só delas e que não envolva um homem na relação, o filme vai discutir sobre as possibilidades da maternidade entre as relações homossexuais e como as personagens lidam com elas.

Para começar a falar do primeiro curta, é necessário compreender também sobre o envelhecimento de mulheres lésbicas. Em uma pesquisa, Sarah Sanches (2024), aborda que as lésbicas idosas são ainda invisibilizadas dentro dos estudos acadêmicos, isso porque tanto os estudos sobre lésbicas, que tiveram mais impacto a partir dos anos 1990, quanto os sobre a velhice, que também se iniciou a partir dos anos 1980, desconsideravam as

vivências de mulheres idosas lésbicas, logo, pouco se tem registrado sobre suas histórias e perspectivas.

No que diz respeito aos estudos sobre envelhecimento da população LGBT que compõem parte do campo, ainda em formação no país, denominado gerontologia LGBT, onde também podem estar inseridos ou se inserir os estudos sobre lésbicas velhas, há uma predominância de pesquisas a respeito da homossexualidade masculina e, mais recentemente, uma ampliação das pesquisas a respeito da população trans, conforme demonstram as revisões realizadas por Carlos Eduardo Henning (2017) e por ele e Guita Grin Debert (2016). Ademais, ainda que apresentem a sigla LGBT, parte destes estudos não fazem qualquer menção às lésbicas e/ou suas especificidades, outros, quando fazem, apresentam-nas junto aos homens homossexuais, como se a experiência da homossexualidade fosse análoga entre lésbicas e homens gays (Sanches *et al.*, 2024, p. 16-17).

O filme conta a história de duas senhoras que vivem um relacionamento há muitos anos, escondidas da sociedade e de suas famílias. Em um acidente inesperado, uma delas acaba falecendo, o que leva a outra a ter que lidar com as dificuldades da morte de sua parceira de décadas, para além do emocional, também enfrentando as limitações acerca da impossibilidade de serem reconhecidas como casal perante a lei. Dessa forma, a senhora é impedida de acompanhar a esposa no hospital, já que esse é só restrito a familiares; quando a parceira morre depois de algumas horas no hospital, mesmo dormindo na sala de espera, a mulher não é avisada do óbito, já que não seria parente, e sim uma “amiga”; a casa, que foi quitada pelas duas, mas que ficou no nome da falecida, acabou sendo deixada por lei para o parente mais próximo, um sobrinho que não tinha contato com nenhuma das duas, despejando a idosa de sua casa que ela viveu e pagou por vários anos.

De acordo com os poucos estudos sobre a viuvez de pessoas lésbicas, mulheres encontram pouco ou nenhum apoio vindo da família, pois muitas acabaram sendo negligenciadas ou esconderam sua verdadeira sexualidade, tendo esse apoio, normalmente, partindo apenas de amigas ou comunidades LGBTs. Ana Carolina Arima e Joanneliese Freitas (2017) afirmam que o luto acaba sendo um processo invisibilizado por essas mulheres, visto que seus próprios relacionamentos não eram validados ou enxergados dentro da sociedade ou ambiente em que elas viviam.

Os lutos desprivilegiados são aqueles experienciados em relacionamentos não legitimados socialmente. É um luto complicado, que envolve a exclusão dos serviços de cuidado especializados, a falta de apoio social, a exclusão dos rituais fúnebres e provocam dificuldades práticas e legais (Jenkins *et al.*, 2014; Lenhardt, 1997). Entretanto, revelar a natureza do relacionamento apresenta ganhos e perdas, além de ser arriscado. Os estudos de Broderick *et al.* (2008) e de Whitman, Cormier e

Boyd (2000), expõem as consequências de se assumir como lésbica publicamente: sofrimento por perdas inter e intrapessoais, tais como o afastamento da família, da religião e de grupos étnicos (Arima, 2017, p. 27).

Logo, apesar de ser um curta-metragem que cai em um estereótipo associado a filmes lésbicos, no qual uma parceira acaba falecendo, o filme retrata, de forma crua, a realidade que muitos casais de mulheres lésbicas acabam sofrendo, em um contexto que não enxerga essas relações amorosas como verdadeiras e as limita, socialmente, legalmente e emocionalmente, tornando o processo do luto ainda mais difícil.

O segundo curta-metragem aborda regras sociais diferentes, atravessados por relações heterossexuais e pela heterossexualidade compulsória, mas focado em um grupo de lésbicas e seus preconceitos internalizados. O filme fala sobre quatro jovens que, após algumas decepções amorosas, resolvem ir em um bar lésbico da cidade. Ao chegar lá, entretanto, elas se deparam apenas com um lugar frequentado por lésbicas nas quais, em sua maioria, não performam uma feminilidade associada às mulheres, chamadas lésbicas *desfem* (desfeminilizadas) ou *butch*, no inglês. A maioria das meninas, desaprovando esse comportamento que acreditam não ser de “verdadeiras lésbicas que gostam de mulher”, resolvem sair do local, mas uma delas acaba encantada por uma menina no bar, e resolve, a partir disso, desafiar as amigas para viver esse amor.

A heterossexualidade, quando não consegue parasitar totalmente na cabeça da mulher e obrigá-la a se relacionar com homens, ainda assim utiliza de outros mecanismos para limitar as relações homossexuais e, principalmente, lésbicas. Dessa forma, ainda é comum associar o desejo sexual das mulheres lésbicas apenas aquelas mulheres que são consideradas “femininas”, que acatam esse ideal de que foi estabelecido para definir, principalmente, a beleza das mulheres. Quando uma mulher lésbica se relaciona com outra que foge desse padrão de feminilidade, questionamentos acerca de ela gostar ou não de mulheres são ainda mais fortes, visto que, como o próprio filme levanta a pergunta, a sociedade indaga como ela realmente gosta de mulher se relacionando com uma que “parece um homem”.

A noção do que é a feminilidade é conectado, principalmente, com os desejos masculinos sobre o que é uma mulher “de verdade”. Logo, cabelo grande, unhas sempre feitas, vestidos, saias, salto alto, além de, claro, os ideais de comportamento também atrelados como a paciência e a submissão, são convicções atreladas ao tema da feminilidade.

Naomi Wolf (2018) vai explicar que essas ideias são apenas uma pequena parte, a mais visível, da problemática da feminilidade, que busca uma “beleza”, não obriga as mulheres a se comportarem dessa maneira, mas as induz a achar que elas querem, por vontade própria, se portar dessa forma. A autora afirma que essa necessidade de se encaixar

em padrões construídos pelo patriarcado é resultado de uma nova forma de opressão para as mulheres, que a partir da conquista de outros direitos, caem em um novo impasse que as impedem de ser verdadeiramente libertas.

A reação contemporânea é tão violenta porque a ideologia da beleza é a última remanescente das antigas ideologias do feminino que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor. Ela procura neste instante destruir às ocultas e em termos psicológicos tudo de positivo que o movimento proporcionou às mulheres abertamente e em termos tangíveis (Wolf, 2018, p. 27).

Dessa forma, o curta levanta esses questionamentos sobre a relação entre uma lésbica fem/desfem e os preconceitos enfrentados por elas, que se diferenciam até mesmo dentro da própria comunidade LGBT. Ainda que o filme retrate isso de forma mais escancarada e cruel, ele termina com seu final feliz, com o casal se entendendo das brigas geradas por essa discriminação e aceitando uma a outra, com seus gostos e formas de se portar e vestir.

O terceiro e último curta compreende um tema também muito presente e conturbado nas relações LGBTs, principalmente, lésbicas, que é a maternidade. Entretanto, o roteiro traz uma situação mais amena, mais terna, que induz o problema das personagens, mas não as coloca em uma teia de preconceitos de terceiros e delas próprias, tornando a experiência de ver o filme, de certa forma, menos traumática para espectadores que podem ser sensíveis a certas temáticas.

O filme vai falar sobre duas mulheres lésbicas adultas que querem engravidar, ao serem confrontadas por dois amigos gays, que inicialmente doariam o esperma, sobre eles também desejam ter participação na vida da criança, elas resolvem desistir dessa ideia e ir atrás de um doador anônimo, já que gostariam de um filho que fosse criado apenas por elas. O curta, com toda a sua sensibilidade, mostra as duas dialogando sobre suas opções em relação à maternidade e como a questão do doador influencia na personalidade da criança. O filme mostra as tentativas falidas das duas para engravidar, até terminar, no fim, com a notícia do teste positivo.

A maternidade ainda é um dos meios de controle de corpos de mulheres pelo patriarcado. É comum que, ao atingir uma determinada idade, as mulheres sintam uma pressão da sociedade, família e, muitas vezes, até do próprio parceiro para gerar uma criança. Entretanto, assim como outras facetas dentro de um relacionamento se diferem de um relacionamento heterossexual para um lésbico, a maternidade também se torna uma

experiência completamente diferente quando inserido em um contexto de relação homoafetiva.

Maria Eduarda Corrêa (2012) afirma que a maternidade para lésbicas é revolucionária, mas as mulheres que desejam viver essa experiência enfrentam inúmeras dificuldades no meio do caminho, tanto nas questões legais em relação ao cuidado da criança, quanto na forma em que a sociedade enxerga essa família. No entanto, a autora também faz entrevistas sobre a maternidade lésbica e comenta que a maioria delas enfatiza a questão da maternidade, no relacionamento homoafetivo, é realmente uma escolha da mulher, já que desconsidera “acidentes” ou uma pressão vinda do marido. Além disso, a forma de cuidado em relação a criança se diferencia, considerando os altos índices de abandono paterno, quando duas mulheres escolhem, juntas, vivenciar a maternidade.

Através dos relatos das participantes desse estudo, percebeu-se que a maternidade é elaborada e percebida através de diversas decisões e circunstâncias. As decisões incluem questões referentes a como compartilhar com a parceira o desejo de ter filhos, quem do casal deverá engravidar, como escolher o método e o doador, e como viabilizar isso financeiramente. As circunstâncias incluem questões referentes ao convívio social dessas mulheres e ao nível de apoio social e familiar de que elas dispõem (Corrêa, 2012, p. 195).

Dessa forma, o curta traz essa perspectiva de analisarmos uma das dificuldades que um casal lésbico que tem vontade de experimentar a maternidade vivencia, de forma leve e engraçada, considerando que as experiências lésbicas normalmente estão atreladas de sofrimento, torna-se significativo um curta que se importa em demonstrar esses anseios de forma mais criativa e amena, que fala sobre o problema e também o resolve, demonstrando que, para além das adversidades, o que mais conta é o amor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os filmes LGBTs, no geral, foram feitos baseando-se em experiências heterossexuais e atrelando a essas relações tragédias e desamores, a partir da falta de conteúdo sobre esses casais que se dispusessem a trazer perspectivas mais otimistas sobre relações homoafetivas, nos últimos anos, tem crescido a quantidade de romances gays na indústria do entretenimento. No entanto, ainda que tenha uma visível mudança, os filmes normalmente se concentram em homens homossexuais, enquanto as mulheres lésbicas acabam ficando, ainda, sub-representadas na mídia.

Pensando nos poucos filmes que tentaram falar sobre as relações homoafetivas entre mulheres, “Desejo proibido” se mostra diferenciado do que é comumente representado na indústria cinematográfica. Apesar do primeiro curta cair no estereótipo do casal no qual

uma acaba falecendo, ele também revoluciona ao pensar a lesbianidade para mulheres idosas e como a morte, na verdade, acaba sendo apenas um dos muitos problemas que elas enfrentam ao perder alguém. No segundo curta, ainda que também coloque um preconceito que muitas mulheres desfeminizadas passam tanto perante o resto da sociedade, como também dentro dos grupos LGBTs, o curta também se mostra aberto a resolver essa questão, mostrando como o amor e a paixão estão acima de todas essas questões. Enquanto no terceiro, como já abordado, o filme se preocupa mais em abordar uma situação difícil, sem entrar muito nos outros preconceitos que o casal poderia sofrer.

Logo, “Desejo proibido” é um filme de mulheres, feito para mulheres, e que se relacionam com elas também. Ele se preocupa com as questões em relação a lésbicas em vários estágios diferentes da vida e como promover um debate sobre elas, lembrando que esses relacionamentos e essas mulheres são constantemente ignoradas e invisibilizadas. Portanto, para além de três histórias sobre amor, elas também são, principalmente, histórias sobre resistência e existência desses amores.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Maria Eduarda Cavadinha. **Duas mães?** Mulheres lésbicas e maternidade. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2020.

MARQUES, Julia Fernandes. O Cinema Autobiográfico de Mulheres Como Resistência: Automeação e a Subversão de Estereótipos do Cinema de Hegemonia Patriarcal. **Nhengatu**, v. 1, n. 6, p. 341-372, 2022.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.

SANCHES, Sarah Ryanne Sukerman; DA MOTTA, Alda Britto. Heterossexualidade enquanto categoria de análise: por uma abordagem lésbico-feminista das existências lésbicas e seu envelhecimento. **Rev. Sociologias Plurais**, v. 10, n. 1, p. 11-31, jan. 2024.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios.** Autêntica Editora, 2022.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Editora Record, 2018.

Recebido em: 24/07/2024

Aceito em: 24/09/2024